

Biocombustíveis

Produção sustentável

Plínio Mário Nastari*

EM 2000, a produção mundial de etanol de biomassa (excluindo a produção de etanol de síntese de gás natural ou de petróleo) foi de 29,19 bilhões de litros. Na safra 1999/2000, o Brasil havia produzido 13,03 bilhões de litros embora já tivesse alcançado um volume de 15,42 bilhões de litros em 1997/98. O Brasil somente voltaria a atingir um volume de produção de 15,4 bilhões de litros em 2004/05. Naquele ano de 2000, o segundo maior produtor mundial eram os Estados Unidos, com volume de 6,17 bilhões de litros.

Decorridos dez anos, na safra 2010/11, o Brasil gerou produção de 27,23 bilhões de litros, mas os Estados Unidos atingiram produção de 50,1 bilhões de litros, crescendo a produção a uma taxa de 23,3% ao ano.

Na última semana de fevereiro de 2011, a produção norte-americana de etanol alcançou uma média diária de 140,23 milhões de litros, um leve recuo de 0,68% sobre a semana anterior, e de 2,86% em um mês.

Apesar desse ligeiro recuo, a média diária da produção de etanol nos EUA chegou a atingir o seu máximo durante a primeira semana de dezembro de 2010, com 149,3 milhões de litros, o que significa que a capacidade produtiva já equivale, no mínimo, a 53,74 bilhões de litros por ano, ou de 14,19 bilhões de galões, bem maior do que a estimativa apontada pela própria indústria estadunidense.

Em janeiro de 2011, havia, oficialmente, 204 unidades produtoras de etanol, cuja capacidade instalada era de 13,51 bilhões de galões, ou de 51,13 bilhões de litros por ano. Considerando mais dez usinas em construção ou expansão, a capacidade subiria para 14,03 bilhões de

galões, ou 53,11 bilhões de litros ao ano (média de 147,52 milhões de litros diariamente). Mas a evolução da produção diária mostra que a capacidade instalada está sendo bem otimizada.

O atual nível de produção também já está bem acima daquele exigido pelo Padrão de Combustíveis Renováveis (RFS-2, ou Renewable Fuels Standard) para o ano de 2011 em 12,6 bilhões de galões, o equivalente a 47,7 bilhões de litros, ou 132,5 milhões de litros diários. Com esse avanço, a produção norte-americana de etanol responde por aproximadamente 10% de toda a gasolina consumida pelos EUA atualmente. Isto não é pouco, considerando que dos 21 milhões de barris de gasolina consumidos diariamente no mundo cerca de 9 milhões de barris por dia, ou 522 bilhões de litros por ano, estão localizados nos EUA.

Mas como nem todos os postos de combustíveis oferecem a mistura mínima de 10%, o recorde de produção tem gerado excedente na oferta de etanol naquele país nos últimos meses, o que tem permitido também exportações recordes.

O desempenho da produção de etanol nos Estados Unidos tem aumentado a demanda do milho para a fabricação deste combustível. Somente na última semana de fevereiro, foram utilizadas em média 339,7 mil toneladas de milho diariamente para a produção de etanol.

Caso permaneça nesse ritmo, em 2011 serão demandadas 125,7 milhões de toneladas de milho, o que representará 42,7% dos usos totais de milho no mercado doméstico, contra uma participação de 41,2%, em 2009/10, e de 36,0% em 2008/09. Este é um percentual bastante elevado, considerando os seus usos tradi-

cionais na formulação de rações animais, conversão em adoçantes líquidos, nos usos industriais e alimentícios.

A produção de etanol nos EUA, portanto, se aproxima do limite determinado pela Lei de Energia de 2007, que estabeleceu o RFS-2, fixado em 56,8 bilhões de litros, previsto para ser atingido somente em 2015.

A pressão por demanda de milho é um dos fatores que levaram o seu preço a superar US\$ 7 por *bushel*. Novas expansões significativas da produção de etanol nos EUA deverão estar baseadas em saltos de produtividade agrícola de milho e no desenvolvimento da produção de etanol de celulose. A produtividade do milho tem crescido a uma taxa de 2,5% ao ano desde 1940. A pressão ocorre no curto prazo, porque a demanda por etanol está crescendo a uma taxa muito superior.

No Brasil, a produção de etanol cresceu 7,7% na última década e fez com que 41,5% da gasolina consumida no Brasil tivessem sido substituídos por etanol (cálculos em gasolina equivalente). Não é pouco, mas poderia ser mais, em particular, caso não houvesse as atuais barreiras ao comércio de etanol nas principais regiões consumidoras de combustível, os EUA e a União Europeia.

Nos EUA, continuam prevalecendo o imposto *ad valorem* de 2,5% e o imposto de importação de 54 centavos de dólar por galão, ou 14,7 centavos de dólar por litro. Na União Europeia, o imposto de importação é de 12,9 centavos de euro por litro.

Iniciativas foram tomadas pela administração Obama para indicar o interesse de ter o Brasil como fornecedor de petróleo. Faz todo o sentido para ambos

os países. No entanto, já que estão sendo colocadas em banho-maria quaisquer discussões sobre integração na área de combustíveis líquidos renováveis, em particular sobre o etanol, seria interessante ao Brasil desenhar um plano estratégico de longo prazo para a área de combustíveis.

Os EUA expandem a sua produção de etanol rapidamente, mesmo sendo menos competitiva do que a de origem de cana produzida no Brasil, e potencialmente em muitos outros países canavieiros, por reconhecer a sua importância estratégica e os efeitos que esta atividade traz para a economia doméstica.

A estratégia norte-americana poderia ser diferente. Poderia conferir ao etanol o mesmo tratamento oferecido à gasolina, de livre acesso, apesar de todas as desvan-

tagens relativas que essa última apresenta do ponto de vista de dependência estratégico-militar e ambiental. Ao promover o livre comércio de etanol, os EUA, e também a União Europeia, poderiam fortalecer alianças comerciais e estabelecer relações de troca de alto interesse à medida que renda adicional fosse gerada nos países fornecedores. Estes países tenderiam a ser diversificados, diminuindo a dependência energética por fontes de suprimento localizadas em áreas de conflito, visto que a cana-de-açúcar é produzida em mais de 100 países no mundo.

Já que não é essa a estratégia desenhada pelos EUA, que, ao contrário, indicam interesse em ter o Brasil como fornecedor de energia fóssil, o Brasil poderia se posicionar como fornecedor de gasolina, de alta qualidade, atendendo aos exigentes

padrões de conteúdo de enxofre e aromáticos da especificação norte-americana, ao mesmo tempo em que promoveria a expansão doméstica do uso de etanol combustível.

Este deve ser tema prioritário de avaliação do Conselho Nacional de Política Energética. Na hipótese de uma estratégia ser definida nesta direção, há instrumentos de política fiscal já consolidados para incentivar a elevação da produção e do uso de etanol no mercado doméstico e a geração de excedentes exportáveis crescentes de gasolina.

O fato que a cana ocupa relativamente pouca área agrícola em relação à produção de grãos indica a factibilidade da discussão desse tipo de estratégia. ■

*Presidente da Datagro Consultoria

Produzir sem destruir. É necessário. É possível.

Produção agropecuária e preservação ambiental podem – e devem – coexistir.

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), entidade que representa, promove e acredita no cooperativismo, tem plena convicção de que isso é possível. Logo, apoia a revisão do Código Florestal Brasileiro, que pretende trazer as leis ambientais para a atual realidade do país, conciliando a viabilidade econômica das propriedades rurais com a sustentabilidade dos recursos naturais.

